

Carlos Scliar

O pintor Carlos Scliar atinge no momento presente – momento que materializa oficialmente nesta exposição da Petite Galerie (6/21 de julho) – uma serenidade que é característica simples e pura de um artista sem ansiedades e sem inquietações; serenidade que esteve sempre presente num José Pancetti e que permanece também unanimemente na obra de um Milton Dacosta, de um Guignard ou Iberê Camargo, serenidade que é uma espécie de densidade, de conteúdo irreduzível e inalienável, símbolo de uma fatalidade e de uma vontade de arte que deixa de ser esforço, para ser personalidade e natureza.

Na hora exata em que os pintores, na sua maioria, se comprazem no exame tão só das derivações da cor, a apreciação de um pintor que leva as suas indagações mais além, isto é, às derivações da luz, da semelhança, das formas objetiva ou indeterminada, merece ser meditada dentro de uma avaliação mais detida e menos sumária.

Scliar faz parte do número desses artistas que não dão à ocupação com as artes um sentido partidário, não é “concretista”, nem “figurista”, nem “geométrico”, nem “informal”, quero crer que também na sua vida habitual não torce pelo Flamengo ou pelo Vasco, e sendo assim apartidário é bem o exemplo daquele pintor que leva as suas indagações além da fixação das diferenciações de um único atributo da pintura. Diz Ortega y Gasset, com boa parte de verdade, que o homem é uma máquina de preferir; apenas, com boa parte de verdade, digo eu, porque esta preferência não é constante e imutável, mas sofre incessantemente as flutuações do desejo, da esperança e da curiosidade. A insistência numa única e determinada coisa preferida revela um espírito de ascese e solidão, de hermetismo e alheamento que se distancia da vida. – E a maior parte da pintura moderna se distancia da vida! Por isso o pintor Carlos Scliar revalorizando certas qualidades estéticas, fazendo novamente e humanamente respeitar os valores da exatidão, da virtuosidade e da dificuldade, procura reintegrar a pintura na sua totalidade e na sua grandeza. Procura reintegrá-la numa verdade da qual nunca se afastou, podemos afirmar, a arte musical, tantas vezes tomada como exemplo ou paradigma para as outras artes.

As preferências de Scliar, entretanto, não fogem de ser limitadas apenas nesses valores específicos e abstratos, também se realizam em termos mais genéricos: na natureza morta, na paisagem, no retrato; as variações de cor, de luz, de tonalidades das suas naturezas mortas demonstram uma intimidade com os objetos, uma variável constância, uma assiduidade, uma vigília; os seres prediletos dos seus quadros de natureza morta dão a impressão de que estão velando, de que estão assistindo o pintor no trabalho e no cuidado da obra elaborada; estão ali prestando-lhe o conforto da sua utilidade; trazendo-lhe a evidência do seu mutismo e docilidade; confiando-lhe, silenciosamente, os segredos de Morandi.

Na paisagem o pintor torna efetivo aquele mesmo ato de transmissão que foi a grande descoberta dos impressionistas e do qual Monet chegou a ser o mais legítimo executor: ato da pintura em fixar, depois impelir e fazer vibrar os efeitos de luz e de cor sobre o mesmo espaço objetivo, que aquele pintor tão bem exibiu nas telas representando o pórtico da Catedral de Ruão.

Nesta exposição de Carlos Scliar o que, ao meu ver, é mais digno de nota são os seus retratos, embora seja também a parte menos perfeita da sua obra agora exposta, o que facilmente se justifica por ser a de execução mais difícil. O retrato, gênero de pintura que tem feito recuar a tantos pintores notáveis, aliás transferindo, quase sempre, a sua própria impotência para uma pseudo-incapacidade do gênero, cujas dificuldades eles não lograram vencer; o retrato que mereceria na hora presente uma tomada de contas geral, numa exposição que reunisse todos os

bons retratistas através do tempo; o retrato cuja beleza e importância artística somente se compreende quando associamos, no correr das épocas, os do antigo Egito, os da Grécia e de Roma, os da Renascença, os de Holbein, Vélazquez, etc., com os retratos modernos de Despiou, Picasso, Portinari, etc., o retrato é uma preocupação, um cuidado dos mais diletos do pintor Scliar.

O seu auto-retrato, os retratos de Bea e Adamastor podem figurar num certame de bons retratistas.

Terminando esta ligeira apresentação sobre a pintura de Carlos Scliar quero salientar que o que disse é bem pouco do que se poderia dizer e pensar das qualidades e virtudes desse autor; aliás, aqueles que agora estão diante de suas telas poderão constatar por si mesmos da veracidade dos conceitos aqui emitidos e, sobretudo, poderão notar que a sua arte não se reduz a simples silhuetas de cor, mas que a sua pintura gravita na totalidade de um espaço mais profundo, mais denso e mais humano.

1961